

O MITIGAR DO LUTO EM O HOMEM QUE LIA AS PESSOAS, DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

MITIGATING GRIEF IN O HOMEM QUE LIA AS PESSOAS, BY JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

Ana Karynne Belchior Carneiro, Érica Sousa Torres, Diógenes Buenos Aires de Carvalho

Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresina, PI, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-1475-8704>
anakbelchiorc@aluno.uespi.br

Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresina, PI, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-5943-2807>
ericasousatorres@gmail.com

Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresina, PI, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-1593-4952>
diogenesbuenos@ccm.uespi.br

Recebido em 30 jul. 2023

Aceito em 12 ago. 2023

Resumo: Este artigo empreende uma análise crítica da obra *O homem que lia as pessoas* (2015), escrita por João Anzanello Carrascoza. A abordagem adotada baseia-se nos estudos memorialísticos e nas perspectivas associadas às temáticas fraturantes presentes na literatura para crianças e jovens. O objetivo deste trabalho consiste em investigar a maneira pela qual o personagem-criança enfrenta a perda de seu pai, por meio da escrita de um livro marcado pela nostalgia e permeada por subjetividades. Para embasar a análise, utiliza-se como aporte teórico obras que exploram as temáticas fraturantes na literatura destinada a crianças e jovens, com destaque para os estudos de Ana Margarida Ramos (2011), Teresa Colomer (2017) e Yolanda Reyes (2021). Paralelamente, os estudos sobre a memória, conduzidos por Aleida Assmann (2011), Ecléa Bosi (2003), Paul Ricoeur (2007) e Henri Bergson (1999) são empregados com o propósito de aprofundar a compreensão acerca da forma como a memória é construída e interpretada na narrativa. A análise da obra constata que a habilidosa utilização de metáforas por parte de Carrascoza (2015), que fundamenta sua escrita em relatos memorialistas e se enquadra no rol de obras para crianças com temas fraturantes, proporciona uma imersão no cotidiano familiar, frequentemente negligenciado em meio à agitação do dia a dia. A metáfora central da obra, que se manifesta no título, é revelada no desfecho como um convite dirigido ao leitor a adotar uma postura sensível, compreendendo e valorizando o próximo, sem ceder a julgamentos baseados em preconceitos.

Palavras-chave: Literatura Infantil Contemporânea. Memória. Temáticas Fraturantes. Luto. Metáforas da Recordação.

Abstract: This article presents a critical analysis of the work *O homem que lia as pessoas* (2015), written by João Anzanello Carrascoza. The adopted approach is based on memorialistic studies and perspectives associated with the fractured themes of literature for children and young people. The objective of this work is to investigate the way in which the child-character faces the loss of his father, through the writing of a book marked by nostalgia and permeated by subjectivities. In order to support the analysis, works used as theoretical support that explore the fractured themes in literature aimed at children and young people, with emphasis on the studies of Ana Margarida Ramos (2011), Teresa Colomer (2017) and Yolanda Reyes (2021). At the same time, studies on memory, conducted by Aleida Assmann (2011), Ecléa Bosi (2003), Paul Ricoeur (2007) and Henri Bergson (1999) are used with the purpose of deepening the understanding of how memory is constructed and interpreted in the narrative. The analysis of the work confirms that Carrascoza's (2015) skilful use of metaphors, which bases his writing on memorialist reports and fits in the list of books for children with fractured themes, provides an immersion in the family's daily life, often neglected in the midst of the daily hustle. The central metaphor of the book, which is manifested in the title, is revealed in the end as an invitation addressed to the reader to adopt a sensitive posture, understanding and valuing others, without giving in to judgments based on prejudices.

Keywords: Contemporary Children Literature. Memory. Fracturing Themes. Grief. Metaphors of Remembering.

INTRODUÇÃO

A literatura infantil brasileira, principalmente a produção contemporânea, se articula em renovações e apresentações de narrativas que transgridem, transformam e tocam na sensibilidade de seus leitores, sejam eles crianças ou adultos. Assim sendo, como nas palavras do teórico e crítico literário francês Vincent Jouve, em *A leitura* (2002, p. 117): “ler, de certa forma, é reencontrar as crenças e, portanto, as sensações da infância. A leitura, que outrora ofereceu para nosso imaginário um universo sem fim, ressuscita esse passado cada vez que, nostálgicos, lemos uma história”.

Esta pesquisa se debruça sobre a leitura crítica de *O homem que lia as pessoas* (2015), livro infantil do escritor brasileiro João Anzanello Carrascoza, a fim de observar como o registro escrito auxilia na reelaboração de uma memória afetiva capaz de amenizar o luto de uma criança. A narrativa em questão é uma obra ficcional direcionada ao público no limiar da infância para a adolescência, sendo assim, as temáticas e o nível de estruturação narratológica encontrados na obra são propícios para uma investigação sob a perspectiva memorialística à luz das temáticas fraturantes (RAMOS, 2011), também chamadas de temas polêmicos, sensíveis ou difíceis da literatura para crianças e jovens.

O escritor João Anzanello Carrascoza, nascido em Cravinhos, São Paulo, possui uma extensa produção e recebeu diversos prêmios pela sua escrita marcante, como o do Jabuti, o da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), o da Fundação Biblioteca Nacional, dentre outros. A relação entre pai e filho é uma dinâmica familiar bastante abordada por Carrascoza, principalmente na questão das perdas, pois isso reflete diretamente com a própria vida do autor, que perdeu o pai quando ainda era criança. Em algumas de suas obras, como o romance *Aos 7 e aos 40* (2013) possível identificar a forte presença desse laço afetivo como um dos aspectos centrais da narrativa. Em *Conto para uma só voz* (2020), também podemos encontrar a temática fraturante da morte, na qual o autor retrata o luto de um pai pelo filho pequeno. O referido autor publicou obras tanto

para o público adulto como para o infantil e juvenil, sendo que nessas duas categorias a memória se faz presente.

A memória afetiva, que constrói o *corpus* deste trabalho, revela um tipo de memória particular, cujas experiências estão centradas em aspectos pessoais sob a perspectiva de um sujeito, diferenciando-se da memória compartilhada por um grupo específico, conceituada por Maurice Halbwachs (1990) como memória coletiva ou pertencente a uma coletividade.

Embora as impressões e sensações descritas na narrativa possam ser comuns a todas as pessoas, como os momentos vivenciados entre pai e filho, cada uma delas os irá vivenciar de forma única, a partir de um olhar interior e subjetivo. Ao tratar da individualidade da memória, Paul Ricoeur explica em *A memória, a história, o esquecimento* (2007) que as experiências pessoais vivenciadas por um sujeito não podem ser transferidas para outrem, justamente por ser um modelo de possessão privada. Nessa perspectiva memorialística, é comum o emprego dos termos “recordar” e “lembrar” como sinônimos, mas embora façam parte do mesmo campo semântico, eles possuem significados distintos, pois de acordo com as reflexões de Ricoeur (2007), a recordação se configura como um processo de busca associado à emoção, pois representa aquilo que atinge o espírito a partir da afetação, já a lembrança refere-se a um dado superficial e objetivo, que vem à mente de maneira mais fácil.

Assim, a recordação se manifesta na subjetividade afastando-se de lembranças que simplesmente surgem sobre um fato qualquer, em que não há envolvimento emocional da pessoa: só recordamos quando lembramos de algo que nos afeta e nem todas as lembranças partem dessa motivação. Preso a esse conceito, o presente artigo tem como principal objetivo investigar a forma como o personagem-criança de *O homem que lia as pessoas* (CARRASCOZA, 2015) lida com a perda de seu pai por meio de uma escrita nostálgica, e como a memória se manifesta através de metáforas durante o mitigar do luto.

Para tanto, realizamos uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, cuja estrutura está organizada em duas partes centrais. O primeiro tópico apresenta algumas reflexões em torno da escrita enquanto metáfora da recordação, a partir do estudo de Assmann (2011). Em seguida, apoiando-se em Reyes (2021) e Colomer

(2017), principalmente, abordamos a inclusão do tema fraturante da morte na literatura infantil de Carrascoza, analisando as respostas que a obra oferece às crianças.

A ESCRITA COMO METÁFORA DA RECORDAÇÃO

Algumas etapas mostram-se indispensáveis para a constituição do processo de recordação, uma delas é a apresentação da memória por meio da metaforização de orientação imagética. Durante o desenvolvimento da humanidade como uma sociedade racional e científica, observamos a construção da memória de um povo a partir da necessidade de imprimir suas vivências através de ideias imagéticas, como vem a ser o caso das pinturas rupestres encontradas em paredes de cavernas, a escrita ancestral em papiros religiosos e a recente tarefa de digitalização em computadores. A escrita é uma das principais metáforas da recordação, o primeiro ponto de partida para dizer o indizível e se conectar com o passado.

Aleida Assmann (2011) apresenta diferentes modelos de memória e de como ela se relaciona com o contexto sociocultural. Em uma de suas abordagens, a idealização da recordação é feita por meio de padrões interpretativos de linguagem, que ela classifica como metáfora de *magazin* e metáfora de *tafel*. A primeira refere-se a um método de conversação retórica no qual a memória se inscreve por meio do pragmatismo linguístico; já a segunda, e mais importante para o desenvolvimento da análise deste artigo, é caracterizada como uma memória natural, impressa em nosso subconsciente e expressa em nosso comportamento — aquilo que está em nossa alma e nos torna seres individuais.

Em vários momentos de seu estudo, a autora caracteriza a metáfora da escrita como “tábuas do coração”, referência ao episódio bíblico que simboliza a memória como um construto identitário¹. Assim, “a medialidade da escrita toma parte no projeto de eternização” (ASSMANN, 2011, p. 195), já que os textos sobrevivem ao

¹ Aleida Assmann associa a memória ao seguinte episódio bíblico: “Associada à linguagem bíblica, a expressão ‘guardar bem firme algo em si mesmo’ será retomada muitas vezes sob a imagem de ‘escrever no coração’. Jeremias pensou nas ‘tábuas do coração’ quando atribuiu a Deus as seguintes palavras: ‘Porei minha lei no seu interior e a escreverei no seu coração’” (Jeremias 31, 33, cf. Deuterônimo 6,6). (ASSMANN, 2011, p. 165)

tempo de forma mais completa que as estruturas arquitetônicas, e inclusive historiadores “constataram que vestígios de tinta preta sobre um papiro frágil perfazem um monumento mais duradouro que túmulos caros” (ASSMANN, 2011, p. 195).

A escrita, como ativador de memória, tem a capacidade de romper fronteiras geográficas e culturais. O estudo dessa técnica pode ser realizado de diversas maneiras, em diversas culturas e em diversos momentos da história. No entanto, existem algumas problematizações na escrita como metáfora da recordação, principalmente em sua coesão com os estados de ausência e permanência tão característicos da evocação da memória. A eternidade da escrita também se baseia na “fama”, denominação de Assmann (2011) para o documento de elegia a um morto, que pode perdurar na tradição cultural de um povo, ou se perder ao longo da história, não apenas pela passagem do tempo como também por mero esquecimento.

A partir disso, podemos compreender que não é possível recordar algo que está presente. Para haver essa relação da escrita com a memória, a metáfora utilizada se faz necessária como forma de trazer à tona um objeto por meio do sentimento, da afetação. Desse modo, a escrita se configura não apenas como uma perpetuadora de momentos, mas também como uma força de desgaste, uma vez que as lembranças materializadas no papel correm o risco de se perderem no tempo a partir do momento que dependem de uma reelaboração da recordação para a sua transfixação nos métodos narrativos:

As metáforas da escrita, que pela fixação sígnica implicam numa permanente legibilidade e disponibilidade do conteúdo da memória, negligenciam justamente essa alternância de presença e ausência, tão própria à estrutura da recordação. Para fazer mais jus a isso, seria preciso inventar a imagem de uma escrita que, uma vez realizada, não se tornasse legível de imediato, mas somente sob condições especiais (ASSMANN, 2011, p. 166).

Nesse ponto, entendemos a escrita como uma mensagem para o futuro, mesmo quando ela se baseia em impressões do passado. Aleida Assmann (2011), com o aporte do filósofo Hans-Georg Gadamer, define esse momento como uma intercalação de um tempo destruidor e renovador, no qual “a força de conservação da escrita é, portanto, tão grande quanto sua força germinal para renovar

pensamentos antigos” (ASSMANN, 2011, p. 209). Em suma, a escrita tem um potencial mais abrangente que a reprodutibilidade das imagens, pois, a fotografia e a pintura, por exemplo, podem ocasionar o novo. As obras literárias, especialmente aquelas que se tornam cânones da literatura mundial, têm a capacidade de se reinventar nas mãos dos leitores, ao mesmo tempo em que apresentam a visão de um momento cultural do passado. Os romances da britânica Jane Austen ainda hoje influenciam na escrita de autoras contemporâneas e promovem debates sobre as construções identitárias de suas protagonistas. Assmann reflete sobre esse ponto da seguinte maneira:

Na época da Renascença ainda havia confiança na capacidade dos textos de conservar sem perdas uma parcela do espírito imortal do autor, parcela pequena, mas decisiva. Um leitor póster, caso se sentisse espiritualmente imanado com o autor, poderia comunicar-se com ele em um espaço de simultaneidade proporcionado pela escrita, mesmo que separado por um grande intervalo de tempo (ASSMANN, 2011, p. 221).

Durante a escrita, outras metáforas também emergem de maneira proeminente. Assmann realiza uma reflexão sobre as diversas categorias que moldam a memória, a exemplo da metáfora temporal, que se desdobra em três estágios distintos: Engolir, Ruminar e Digerir. Essa concepção encontra afinidade com os pensamentos de Santo Agostinho, o teólogo romano cuja obra *Confissões* (1999), datada do século IV, continua a exercer influência nas investigações filosóficas da cultura ocidental. Agostinho (1999), ao equiparar o cérebro a um estômago mental, oferece uma explicação intrigante de que nossas ideias são assimiladas da mesma maneira que o alimento é processado no estômago.

O *ruminare* (ASSMANN, 2011), termo utilizado pela autora em seus estudos, se torna um escoamento da memória como alívio de consciência para o indivíduo, uma forma de refletir sobre a recordação a partir de uma perspectiva distante. Essa fase da metáfora temporal pode ser observada como uma etapa importante no processamento de eventos traumáticos.

Para Sigmund Freud (2014), o luto é uma reação à perda de um objeto ou pessoa amada, que acarreta na falta de interesse por qualquer situação que faça com que o indivíduo lembre-se dessa perda. Nos estágios iniciais do luto é comum haver um afastamento de ambientes/objetos que remetam à pessoa morta, assim

como uma recusa em recordar momentos compartilhados. Aplicada a teoria de Freud (2014) ao *ruminare* (ASSMANN, 2011), podemos pensar na recordação como um ato de ressignificação durante o luto, em que o objeto ou a pessoa querida são figuradas a partir da libido, assim “em geral se observa que o homem não abandona de bom grado uma posição de libido”, então quando a perde “as lembranças e expectativas pelas quais a libido se ligava ao objeto são focalizadas e superinvestidas e nelas se realiza o desligamento da libido” (FREUD, 2014, p. 33). Dessa maneira, Freud (2014) explora em seu estudo a natureza do processo do luto e sua relação com a realidade psíquica ao descrever os estágios da superação da morte como uma retirada gradual da energia emocional que é ligada à pessoa morta ou ao objeto perdido e destaca que a resistência, em alguns casos, pode levar a um afastamento da realidade.

A elaboração do luto durante a infância se diferencia da feita na fase adulta, uma vez que as crianças têm percepções de mundo diferentes, de forma que os costumes culturais que envolvem o luto são recepcionados de acordo com a tradição de seu círculo social mais próximo e ressoa durante toda a vida. Ao longo de várias décadas, Christina Sekaer (1987) empreendeu um longo debate acerca da capacidade das crianças de vivenciarem o luto. Para a autora a delineação do “enlutamento infantil” (*childhood mourning*) se baseia, sobretudo, nos aspectos cognitivos.

Uma criança reage à morte dentro de sua própria experiência da realidade; embora isso seja óbvio, ainda são usados termos como “tempo”, “morte”, “realidade”, “porque” e outros sem esclarecer o seu significado conforme percebido pela criança. A declaração de uma criança, “a mãe não vai voltar”, é muitas vezes tomada como evidência de compreensão da finalidade da morte. No entanto, como adverte Piaget, o que parece ser uma explicação lógica pode ser apenas um esboço; além disso, crianças em estágios de pensamento pré-lógico (mesmo com 4 anos ou mais) compreendem o mundo de um ponto de vista de animismo e participação. Por exemplo, os adultos costumam dizer às crianças que os mortos estão “no céu”, mas sua noção de “céu” provavelmente não corresponde à dos adultos (SEKAER, 1987, p. 203, tradução nossa).

A psicologia define a capacidade criativa dos humanos, como a fantasia, quando nosso cérebro cria combinações entre o que são eventos reais e o que são eventos que fogem das configurações da lógica e da racionalidade. A imaginação está presente em nosso cotidiano por meio da vida cultural, desse modo para as crianças o mundo pode ser explicado a partir de uma visão fantástica, já que desde

muito pequenas elas estão cercadas por mensagens e produções artísticas que se utilizam da fantasia como ponto de partida para a exploração social. A perspectiva de Jean Piaget abordada por Sekaer (1987) dialoga justamente sobre essa fabulação durante a infância. Falar que os parentes mortos “estão no céu” e dar essa explicação como uma finalidade apenas exemplifica que o processo de luto durante a infância é tratado como algo distante e idealizado, que foge à realidade.

A reação da criança à morte também tem uma temporalização diferente dos adultos. Os impactos da perda de um dos pais, por exemplo, podem ser sentidos anos depois de sua morte, que pode ser explicado a partir de uma recepção patológica, quando a criança reage inicialmente à morte de um dos pais da mesma forma como ela reagiria a uma separação — na qual a busca imediata por um substituto amenizaria o impacto traumático da perda de seu objeto de desejo. As crianças podem ver como um substituto tanto em outros familiares quanto em seus brinquedos, principalmente bonecos de pelúcia. Sekaer (1987, p. 214, tradução nossa) diz que “o companheiro imaginário ajuda a criança a descansar até que o desenvolvimento lhe permita um melhor controle de impulsos e medos”, ou seja, esse substituto serve como um ponto de escape para ressignificar o luto.

A MORTE COMO TEMA FRATURANTE NA LITERATURA INFANTIL

A representação da morte na literatura infantil mudou significativamente no decorrer do tempo, apresentando, assim, diferentes tratamentos dados pelos escritores. Os contos de fadas, antes de passarem pelo processo adaptativo de cunho pedagógico, ilustram bem a forma como a morte era tratada sem nenhum tipo de suavização, temos o exemplo de *Chapeuzinho Vermelho*, que em uma das versões do conto recolhido da tradição oral, a menina e sua avó são engolidas pelo lobo, mas não são resgatadas pelo caçador. A cena é retratada de maneira direta e violenta.

No século XXI, por sua vez, as narrativas demonstram um cuidado maior com a forma como esse tema é abordado, geralmente empregando a fantasia ou valendo-se de metáforas, como é o caso de *O homem que lia as pessoas* (2015) e *Roupa de brincar* (2015), de Eliandro Rocha e Elma Fonseca (ilustrações), em que a morte é

retratada por meio de recursos simbólicos associados às roupas da tia da menina, que deixam de ser coloridas e passam a ser pretas, o que pode indicar que nas narrativas contemporâneas a morte não precisa ser retirada do universo infantil por ser considerada um assunto delicado para se conversar com as crianças, pois pode ser introduzido de maneira sutil.

Nesse sentido, conforme explica Yolanda Reyes (2021), devemos considerar que a infância não é um lugar onde existem apenas experiências positivas como se fosse um verdadeiro paraíso, e muitas vezes assuntos que preferimos esconder das crianças acabam se revelando no cotidiano da vida, na literatura, nas artes em geral. Ainda de acordo com a autora (2021, p. 30), as crianças e os jovens da atualidade estão imersos em uma cultura do alvoroço “que os impede de refugiarem-se, em algum momento do dia, ou inclusive, de sua vida, nas profundezas de si mesmos”. Por isso, a literatura desempenha uma valiosa contribuição para esse público leitor, podendo favorecer a reflexão em torno dos próprios sentimentos e das demais pessoas (REYES, 2021).

Para Lottermann (2009, p. 9), os livros que abordam a morte são instrumentos para aproximar o público infantil e juvenil do tema, pois enquanto acompanham “a experiência de personagens crianças e adolescentes que presenciam a morte, os leitores vivem situações que muitas vezes são encobertas pela família e pela sociedade”. Dentro da literatura infantil, especificamente falando das produções contemporâneas, encontramos a narrativa do luto realizada por meio da fantasia simbólica, com utilização de recursos do realismo maravilhoso, ou então, por um viés realista no qual a temática fraturante é exposta de maneira ponderada, sem a expectativa de chocar o leitor, em virtude do público-alvo ao qual se destina. Assim, a ressignificação da recordação durante o luto é voltada para os momentos de conforto diante da realidade da perda. Nessa perspectiva, Reyes (2021, p. 73-74) reflete que:

Talvez seja isso o que faz a literatura: dar conta da particularidade humana, do que se estende entre os dois extremos: vida e morte. [...] Essa matéria do que é humano contada por uma voz humana, por uma voz particular, que sente e fala e nomeia o que tantas vezes, no rumor da vida cotidiana, sequer nos atrevemos a dizer.

Os temas fraturantes, quando relacionados em uma narrativa hiperrealista, servem como ponto de partida para a discussão de tabus sociais. Conversar sobre a morte pode não parecer ser um tabu em um ambiente adulto, mas quando se fala em explicar a perda para uma criança, a temática acaba se tornando um desafio. Uma das formas encontradas para criar esse diálogo com a criança foi por meio da leitura, especificamente na forma como a criança recebe a obra literária e também na forma como o autor utiliza de recursos psicológicos para criar uma representação emocional. Teresa Colomer, em *Introdução à literatura infantil e juvenil contemporânea* (2017), explica:

Escrever narrativas psicológicas para crianças não foi fácil. Se os conflitos internos se descrevem diretamente e não por meio de representações ou metáforas, por exemplo, a angústia sentida pelo personagem aspira a reproduzir-se na recepção do leitor. Por isso, regular o impacto emocional tem sido um dos problemas literários que teve de enfrentar esse tipo de ficção e as principais soluções vieram de recursos como a desdramatização humorística (COLOMER, 2017, p. 211).

A autora ainda aponta que a produção de narrativas psicológicas para crianças precisa ser mediada por meio de metáforas devido à necessidade de apaziguar o impacto da realidade. Existem muitas obras infantis discorrendo sobre a morte, o abuso sexual, o bullying e até o suicídio, mas nenhuma delas apresenta essas temáticas da mesma forma que é apresentada, por exemplo, nos livros voltados para os adultos, em que as cenas são explicitadas por descrições. Assim, alguns recursos estilísticos foram utilizados ao longo dos anos, o principal deles é o uso da primeira pessoa como forma de causar empatia/representação no leitor e o simbólico presente na fantasia. Além de que,

[...] uma solução habitual na novela psicológica em geral é a de ceder a voz aos protagonistas, usando enormemente a primeira pessoa. Mas, nos primeiros passos da literatura infantil e juvenil, a primeira pessoa só era usada nos relatos em que um adulto recordava os acontecimentos vividos. É o que acontece em *David Copperfield*, de Charles Dickens, por exemplo. Tratava-se de uma voz adulta que projetava retrospectivamente a compreensão adquirida sobre o ocorrido e comunicava à audiência juvenil. (COLOMER, 2017, p. 211)

A primeira pessoa ainda continua presente na literatura infantil atual, mas na visão contemporânea a voz da criança não precisa ser mediada pelo seu eu mais velho — como veremos a partir da análise da obra de Carrascoza (2015). Dessa maneira, a morte será tratada por um imaginário conhecido pela criança e não por

meio de retrospectivas do passado. Em um artigo para a revista *Em Aberto*, especializada em estudos de psicologia, Lúcia Maria Barros e Fernando Azevedo (2019) debatem sobre a mediação e a recepção de temas difíceis na literatura infantil. Para os autores, a morte na produção contemporânea tende a ser apresentada sob uma perspectiva de aceitação, em que as respostas dos leitores para essas obras são positivas. No entanto, a problemática surge justamente na recepção de leitores adultos, os resultados da pesquisa revelam que “o tema é de mais difícil abordagem para o adulto do que para a criança, que parece, à semelhança da narradora, encarar o fato com alguma naturalidade” (BARROS; AZEVEDO, 2019, p. 84).

No que diz respeito ao tema da morte na literatura infantil, é comum que os mediadores, frequentemente os pais das crianças leitoras, tenham algumas preocupações quanto a esse tipo de narrativa, que se apresenta como um primeiro encontro explícito que a criança tem com a temática da morte. Isso pode ocorrer tanto em representações familiares, quanto, como exemplificado no artigo de Barros e Azevedo (2019), em relação a animais de estimação. A apreensão dos pais sobre como a criança irá lidar com a narrativa muitas vezes resulta na literatura com temas fraturantes sendo vista com cautela.

O ENTRELAÇAMENTO ENTRE ESCREVER E RECORDAR EM *O HOMEM QUE LIA AS PESSOAS*

O homem que lia as pessoas (2015), de Carrascoza, é uma narrativa curta, com pouco mais de 90 páginas organizadas em capítulos representados pelas letras do alfabeto, forma estilística que estabelece uma relação com a temática abordada na narrativa e com o *design* da capa criado pelo ilustrador Nelson Cruz:

Fig. 1 - Capa do livro

Fonte: Carrascoza (2015)

A obra demonstrada acima é uma tentativa de amenizar o luto, por meio do registro escrito das recordações afetivas entre pai e filho. Nesse caso, o protagonista, que também é o narrador da história, busca na memória os momentos felizes que viveu junto ao pai.

Por meio de metáforas, Carrascoza desenvolve sua escrita, alicerçada principalmente em relatos memorialísticos, desvelando os detalhes do cotidiano, muitas vezes ignorados pela maioria das pessoas na correria do dia a dia. A mais evidente metáfora utilizada na referida obra está bem explícita no próprio título: “O homem que lia as pessoas”. Destacamos o verbo ler e os múltiplos sentidos que pode suscitar no leitor, considerando que não é comum aplicá-lo a pessoas, já que não se trata de uma leitura literal, comumente ligada à escrita, mas sim à percepção e à compreensão do outro a fim de valorizar o olhar empático sobre quem nos cerca, para assim “aprendermos” junto com o protagonista a ler as pessoas de modo sensível e sem julgamentos, que costumam ser baseados em preconceitos.

O primeiro capítulo, intitulado de “A”, introduz, sob a perspectiva de uma criança, a observação de variados tipos de leitura realizadas pelas pessoas ao seu redor, como a mãe que lê vários livros e acaba por deixá-los espalhados pela casa, ou então, como as mães de santo que leem a sorte nas conchas do mar. Entretanto, o fato mais curioso é a forma como o pai lia as pessoas:

Tem gente que lê até o que está escrito no silêncio, disse uma vez a tia Lígia, minha primeira professora. Mas eu conheci só um homem que sabia ler as pessoas: meu pai. Você não entendeu mal. É isso mesmo: meu pai sabia ler as pessoas. (CARRASCOZA, 2015, p. 9)

O protagonista não conseguia compreender essa habilidade do pai. É a partir da curiosidade que ele começa a ficar muito mais próximo dele e nota as pequenas casualidades do “poder” de seu pai em “ler as pessoas”. O personagem olha para o passado e escreve os acontecimentos que o auxiliam a entender a habilidade paterna. Nesse sentido, a seguinte passagem expressa muito bem o porquê de o livro ter sido escrito:

Só agora, que cresci um pouco, comecei a entender essa habilidade do meu pai. E não é segredo, não. Estou aqui justamente para explicar. Até porque *contar a história do meu pai é um jeito que encontrei de estar com ele de novo*. E não há nada mais gostoso do que ficar junto de uma pessoa querida. (CARRASCOZA, 2015, p. 11, grifo nosso)

Ao final da obra é revelado que o livro é escrito por João, o narrador da história, como uma maneira de lembrar dos momentos que viveu junto ao pai e de lidar com a perda recente, como já observamos no grifo acima, em que o garoto deseja estar próximo do pai, ainda que por meio da materialização das suas recordações. Assim, a escrita é a forma que o personagem encontra para “lembrar das coisas boas que tínhamos vivido juntos” (CARRASCOZA, 2015, p. 94) e de que “meu pai se foi e eu não posso aprender mais com ele [...] mas posso recordar nossa história e colocá-la no papel” (CARRASCOZA, 2015, p. 95).

Nesse sentido, escrever também traz uma nova percepção dos fatos recordados. Para Bergson (1999, p. 88), as experiências pessoais pretéritas seguem um tempo subjetivo, por meio do qual são evocadas recordações importantes para aquele ser que as evoca, porém “sem segunda intenção de utilidade ou de aplicação prática, armazenaria o passado pelo mero efeito de uma necessidade natural”. Ricoeur (2007) complementa que a recordação se configura como um processo de busca associado à emoção, pois representa aquilo que atinge o espírito a partir da afetação.

Em certas passagens o narrador-personagem aponta pequenos detalhes que no momento não havia notado, mas que a partir do exercício da memória consegue criar um holofote para aspectos que estavam obscurecidos pela casualidade do momento. Por exemplo, no trecho “Acho que naquela hora ele estava me lendo, e eu nem desconfiava. Agora sei. Descobrimos muitas coisas escrevendo uma história” (CARRASCOZA, 2015, p. 19). E, em “Percebi que uma coisa tinha a ver com a

outra, mas não entendi bem. Hoje acho que já entendo” (CARRASCOZA, 2015, p. 36).

Momentos felizes são os mais abordados pelo personagem em suas recordações, isso se dá devido ao seu processo de ressignificação do luto e também nos poucos momentos que pai e filho compartilham, tendo em vista a intensa rotina de trabalho do pai como motorista. Uma dessas recordações são as de brincadeiras aos finais de semana, “Eu me lembro de um sábado em que fez muito calor e fomos para a varanda, onde era mais fresco. Levei alguns dos meus carrinhos Hot Wheels e brincamos um tempão ali” (CARRASCOZA, 2015, p. 21)

A partir do capítulo "E", o protagonista explica como seu pai o ensinou a ler as pessoas: “Sabe como o meu pai lia as pessoas? Eu respondo: lendo. Assim como lemos um texto” (CARRASCOZA, 2015, p. 27). O narrador, ao longo da história, estabelece um diálogo direto com o seu leitor, buscando aproximá-lo dos fatos narrados, promovendo o reconhecimento de nós mesmos e dos outros através dessa experiência.

A relação com as palavras nasce nesse momento: ler as pessoas é como interpretar um texto, é como praticar o exercício da escola no mundo real. João estava aprendendo a ler e a escrever na escola, por isso ele não compreendeu na ocasião o que seu pai estava propondo. A princípio, lhe pareceu que a “leitura de pessoas” era uma atividade mágica que apenas seu pai conseguia realizar:

- E o que tem a ver com essa história de ler as pessoas? – perguntei. – Não tem palavra nenhuma escrita nelas!
- Aí é que você se engana. As palavras estão na testa, nos olhos, nas mãos, no corpo inteiro das pessoas – disse meu pai.
- Não vejo onde! – falei.
- Mas elas estão lá – garantiu. – Basta olhar direito para você ver.
- Vou explicar de outra maneira. O olhar de uma pessoa, o jeito de pentear os cabelos, de andar, cada gesto dela, enfim, é uma letra. Você junta essas letras e forma palavras. Depois junta as palavras e terá a frase escrita na pessoa naquele momento (CARRASCOZA, 2015, p. 30).

Os próximos capítulos, no entanto, são recheados de situações em que o pai coloca o seu poder de ler as pessoas em ação. O primeiro acontecimento se refere ao dia em que o vizinho esquece as chaves dentro do carro e, a partir do comportamento do homem, o pai consegue ler que ele estava com problemas. Outro episódio em que exercita seu poder é quando lê a má intenção de dois indivíduos,

percebendo que se tratavam de assaltantes antes mesmo de anunciarem o assalto no bar, pois viu que um deles estava armado. O pai do garoto também consegue prever o resultado de uma partida de futebol, a qual os dois assistiam juntos, ao ler as reações dos jogadores dos times, fato que intensifica ainda mais a relação de afeto com seu filho.

A memória, que é a ferramenta utilizada pelo narrador para recordar e contar essa história ao leitor, também aparece ao longo da narrativa de maneira descritiva com base no entendimento dos personagens. No trecho a seguir, ela é descrita a partir das reflexões entre pai e filho sobre os pontos positivos e negativos de se possuir uma boa memória enquanto brincam de jogo de memorização, referenciando, assim, o próprio ato de lembrar:

– Você tem boa memória! O que nem sempre é vantagem...
– ele falou rindo.
– Por quê? – estranhei.
– Porque depois é difícil esquecer as coisas.
– Que coisas?
– As coisas tristes... – ele respondeu.
“Sempre tem as coisas alegres pra gente lembrar”, eu ia dizer.
Mas não deu tempo.
(CARRASCOZA, 2015, p. 40-42)

O diálogo do pai com o filho retratado nesse trecho demonstra a inocência da criança em relação aos fatos da vida, cujas experiências e percepções do mundo ainda estão sendo moldadas à medida que as vivencia, por esse motivo não consegue compreender o porquê do pai acreditar que nem sempre é bom possuir uma boa memória. Além disso, percebemos a postura positiva que o garoto busca assumir, contrapondo-se à visão “negativa” do pai, porém, é algo que não chega a ser, de fato, dito a ele, porque estava na hora de ir dormir. É como se ao recordar essa cena em sua mente no ato da escrita, o narrador capturasse o instante perdido no tempo que persistia no desejo de estar ainda conversando com o pai, e mostrando a ele o lado positivo de se ter uma boa memória.

Essa reflexão é retomada ao fim do livro, quando o menino finalmente entende o que o pai estava querendo dizer: “E comecei a me lembrar das coisas boas que tínhamos vivido juntos. Fui sentindo uma tristeza muito grande e, então, entendi por que ele dizia que não era vantagem ter boa memória.” (CARRASCOZA, 2015, p.

94). É por meio da experiência de vivenciar a morte do seu tão amado pai e do seu amadurecimento enquanto ser humano, que João consegue perceber o lado triste de lembrar facilmente das pessoas e dos momentos, pois agora sabe que estes não poderão acontecer novamente e nem aquelas lembranças estarão presentes para sempre em sua vida.

Através das recordações, o menino também revive um dia feliz em que o pai o leva para passear de caminhão:

E agora, recordando o passeio, sinto de novo aquela felicidade. Meus olhos ficam meio enevoados, mas vejo direitinho os braços do meu pai girando a enorme direção do ônibus, a mão dele no câmbio, mudando de marcha, os pés no pedal do acelerador, da embreagem, do freio. (CARRASCOZA, 2015, p. 57, grifo nosso)

Essa recordação é marcada por uma fixação nos pequenos detalhes do comportamento do pai, como se lembrar dele fosse a única coisa que importasse para o menino, assim como estar com ele naquele instante: “Passamos um tempinho ali, olhando a rua, sem falar nada. Eu sentia um vento acariciando meu coração, como o que meu pai soprara em mim, naquela tarde, debaixo das árvores. Eu não precisava de mais nada” (CARRASCOZA, 2015, p. 58).

Esse aspecto também se revela em outro trecho do livro, quando a recordação foca apenas em um determinado momento que vivenciou no estádio com seu pai e não no caminho que eles tomaram até chegar lá: “[...] quando dei por mim, estava no estádio, agitando nossa bandeira no meio de outras, bem maiores, que os corintianos fanáticos desfraldaram no ar” (CARRASCOZA, 2015, p. 76).

A lembrança do dia em que seu pai saiu para a última viagem a trabalho ficou marcada tão profundamente na memória do garoto que o fez gravar o semblante de tristeza do pai naquele exato momento: “Eu lembro bem. Ele saiu triste de casa naquela manhã” (CARRASCOZA, 2015, p. 93). O narrador usa esse recurso para antecipar ao leitor o fato relatado logo na página seguinte, mas em nenhuma linha emprega a palavra morte, prefere sugerir a ocorrência do trágico acontecimento por meio de outras construções frasais e dos sentidos construídos pelo texto, como na fala do garoto: “Meu pai nunca mais vai se trazer pra mim!” (CARRASCOZA, 2015, p. 94).

O processo de luto pode ser interpretado pela leitura do texto quando verificamos que há uma quebra da linearidade dos capítulos, que até então seguia rigorosamente a ordem alfabética e, de repente, faz um salto do capítulo P até o Z, ocultando as letras pertencentes a esse intervalo. Tendo em vista que o luto representa um período bastante difícil, de extrema tristeza e também de reflexão, marcado geralmente pelo silêncio e pelo desejo de ficar sozinho, depreendemos que a supressão dessas letras não foi feita ao acaso pelo escritor, muito menos se trata de uma mera coincidência justamente com o capítulo que o leitor descobre sobre a morte do pai, sendo transportado para o mesmo dia em que ele e sua mãe recebem essa terrível notícia, que se encerra da seguinte forma: “É difícil parar de lembrar dele. Eu não sabia que lembrar doía tanto” (CARRASCOZA, 2015, p. 94).

É como se esse apagamento das letras representasse a passagem do tempo em que perdurou a fase mais complicada do luto, ou seja, o período de dor aguda por perder o pai que era tão próximo a ele. Quando o novo capítulo, denominado de “Z”, retoma a narrativa, surge um posicionamento reflexivo do protagonista quanto ao episódio marcante de sua vida, dando a ideia de que o tempo realmente passou:

Meu pai se foi e eu não posso aprender mais nada com ele. Nem comer, só nós dois, cachorro-quente, batatinha frita, brigadeiro. [...] Mas posso recordar nossa história e colocá-la no papel. É o que estou tentando fazer. *E até nisso meu pai tinha razão: – Você tem jeito pra coisa filho! Vai virar escritor!* Depois vou mostrar para minha mãe o que estou escrevendo. Como lê muito, ela pode me ajudar a melhorar. *Talvez fique feliz em reencontrar meu pai aqui.* E se reanime um pouco [...] (CARRASCOZA, 2015, p. 95-96, grifos nossos).

O garoto busca, por meio da escrita, recordar os instantes compartilhados com o ente querido no intuito de amenizar sua dor, mas também para amparar sua mãe, o que evidencia seu amadurecimento e sensibilidade diante de tamanho sofrimento. Nesse sentido, “o simbólico, no texto literário, não substitui o significado, mas o *representa* [...], pois o representado não desaparece, mas permanece ali, na materialidade da obra” (REYES, 2021, p. 125, grifo da autora). Assim, o menino vê na escrita a possibilidade de eternizar a presença do pai, ainda que simbolicamente.

Em um dos trechos destacados acima, João transcreve uma fala do próprio pai mencionada anteriormente na narrativa, no capítulo “E”, quando este diz que o filho se tornará escritor, na qual constatamos uma das antecipações realizadas pelo narrador no intuito de lidar com esse processo do luto. As reflexões feitas pelo pai

servem para transformar a dor da saudade em ensinamentos para a vida a partir da ressignificação dada pelo escritor em seu relato comovente de superação e também de resiliência:

Agora que estou no terceiro ano e já sei ler e escrever com as palavras, quero aprender a ler as pessoas, como meu pai. Aliás, estou me lembrando das vezes em que ficávamos vendo as vitrines das lojas. “Pra quê comprar? Não é maravilhoso a gente vir aqui quando quiser, filho, e olhar todos esses brinquedos?” As coisas que nós dois vivemos estão em prateleiras dentro do meu coração. Posso ir até lá quando quiser, ver todas, sem pressa, e tocar uma a uma. São minhas. Não preciso comprar. (CARRASCOZA, 2015, p. 96, grifos nossos)

Podemos relacionar esse último trecho destacado com o pensamento de Reyes (2021), quando afirma que a memória simbólica adquire extrema importância após vivenciarmos episódios trágicos, uma vez que possibilita atenuar a dor por meio das recordações. Acerca disso, Freud (2014, p. 80) reflete que “não há eficácia para o trabalho do luto, não há tempo”, ou seja, apesar do tempo abrandar a dor imensurável do luto, este nunca é, de fato, completamente apagado de nossa memória, bastando um detalhe para recordá-lo outra vez.

As últimas linhas do livro trazem a memória do garoto projetando-se para o futuro, seguindo as formulações de Bergson (1999) acerca da existência do momento presente, que se dá por meio da percepção do passado e do futuro:

Quando crescer, se eu tiver um filho, vou ajudá-lo nas lições de casa, ensiná-lo a jogar futebol, a fazer uma bandeira do Timão para nós. Vou pular o muro da escola com ele e soprar meu vento em seu rosto. E vou contar a história do meu pai para ele, como fiz para você. Contar histórias é um jeito de nos trazermos para as pessoas (CARRASCOZA, 2015, p. 97, grifos nossos).

Éclea Bosi (2003, p. 35), em referência ao texto “Narrar e Curar”, de Jeanne Marie Gagnebin, enfatiza que a narrativa é terapêutica, “porque a história contada é um *farmacon*, antes preparado pela narradora nos tubos e provetas da fantasia e da memória através de sábia dosagem”. A pesquisadora ainda levanta a seguinte questão e a partir dela traz uma reflexão pertinente à análise realizada no decorrer deste trabalho:

*Nós devemos então contar histórias? A nossa história? É verdade que, ao narrar uma experiência profunda, nós a perdemos também, naquele momento em que ela se corporifica (e se enrijece) na narrativa. Porém, o *mutismo também petrifica a lembrança que se paralisa e sedimenta no fundo da garganta [...]* (BOSI, 2003, p. 35, grifos nossos).*

Desse modo, encerra-se a narrativa com a conclusão de que uma das maneiras de lidar com a perda irreparável de um ente querido é contando a sua história, visto que as narrativas são capazes de ressignificar o que foi perdido, transformando uma experiência ruim em uma bela recordação. A obra propõe, ainda, que para ler as pessoas é necessário ser sensível à nossa dor e à dor do outro, o que somente é possível com uma percepção diferenciada sobre o mundo que nos cerca. Segundo Bosi (2003, p. 117), as pessoas “nos aparecem como que embaçadas pelo estereótipo, e é preciso tempo e amizade para um trabalho paciente de limpeza e de reconstituição da figura do amigo, cujos contornos procuramos salvar cada dia do perigo de uma definição congeladora”.

Portanto, embora a morte seja o ponto de partida para a construção do texto literário analisado neste artigo, a mensagem que sobressai na narrativa não é a da tristeza provocada pelo luto, mas sim da esperança em viver harmonicamente com as pessoas ao nosso redor, de modo que sejamos capazes de lê-las e decifrá-las, assim como pai e filho aprenderam durante suas vivências compartilhadas com os leitores.

CONCLUSÃO

Com base na análise da obra *O homem que lia as pessoas* (2015), de João Anzanello Carrascoza, constatamos que a recordação foi utilizada como principal recurso para registrar uma memória afetiva construída e fortalecida pelos laços familiares, centralizada na relação entre pai e filho em singelos momentos da vida e como isso pôde amenizar a dor advinda da morte de um ente querido, nesse caso específico a dor sentida pelo filho por causa da ausência do pai.

Diante disso, demonstramos os rastros de uma presença ausente a partir da identificação de passagens relativas à memória do garoto que, simultaneamente, volta para o passado ao recordar momentos vividos com o pai, e também se direciona para o futuro ao traçar planos e sonhos, representando a sua esperança de viver e de dar continuidade aos ensinamentos deixados por sua figura paterna, a quem tanto admira e respeita.

Ademais, verificamos que o narrador cria certa cumplicidade com o leitor ao relatar fatos que se aproximam intimamente do cotidiano das pessoas, empregando uma linguagem informal, bastante atrativa ao público para quem o livro se destina. Nesse viés, a narrativa se constrói por meio de sentidos construídos em metáforas ou então deixados nas entrelinhas para o leitor decifrar, como o exemplo do apagamento das letras dos capítulos e também das prolepses realizadas no texto.

Além disso, compreendemos que ler não se restringe apenas à escrita, pois podemos ler os sinais, reações e, até mesmo, as características de uma pessoa por meio de um olhar atento e sensível, livre de preconceitos, para que possamos conhecer o conteúdo sem antes julgarmos pela capa, assemelhando-se ao que ocorre com os livros propriamente ditos.

Dessa forma, depreendemos que o mitigar do luto ocorre por meio do processo de escrita deste relato memorialístico, o qual se ancora nas recordações que um filho guarda afetuosamente de seu pai falecido. A memória afetiva é, nesse sentido, o fio condutor da narrativa e expõe como o luto pode ser amenizado quando não permitimos que o silêncio apague as memórias construídas ao lado de quem se foi. Retomando o pensamento de Assmann (2011), torna-se possível afirmar que a escrita desse livro traz, por meio do sentimento e da afetação, a recordação de algo que findou ao mesmo tempo que também promove uma renovação do ocorrido.

Trata-se, assim, de uma narrativa poética que deve ser oferecida às crianças e aos jovens para promover a discussão sobre esse tema difícil, mas de suma relevância para refletir os infinitos sentidos da vida, bem como os mistérios da morte, sendo que as histórias têm o poder de confortar a alma, trazendo o acalento necessário para preencher uma parte do vazio que a ausência de um ser amado deixou. Por todos esses motivos, podemos concluir que o livro afeta os leitores de todas as idades por sua simplicidade na escrita e sua profundidade na história evocada pela memória.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. **Confissões**. Tradução: J. Oliveira Santos, A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. 1. ed. São Paulo: Editora UNICAMP, 2011.

BARROS, L. M.; AZEVEDO, F. Literatura infantil e temas difíceis: mediação e recepção. **Em Aberto**, Brasília, v. 32, n. 105, p. 77-92, maio/ago. 2019. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/4210>. Acesso em: 15 dez. 2022.

BERGSON, H. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução: Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARRASCOZA, J. A. **Aos 7 e aos 40**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2013.

CARRASCOZA, J. A. **O homem que lia as pessoas**. Ilustração de Nelson Cruz. 2. ed. São Paulo: Edições SM, 2015. (Coleção Barco a Vapor - Série Azul).

CARRASCOZA, J. A. **Conto para uma só voz**. 1. ed. São Paulo: Editora Nós, 2020.

COLOMER, T. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Tradução: Laura Sandroni. 1. ed. São Paulo: Global Editora, 2017.

FREUD, S. **Luto e melancolia**. Tradução: Marilene Carone. 1. ed. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2014.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

JOUBE, V. **A leitura**: estudo de literatura. Tradução: Brigitte Hervot. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LOTTERMANN, C. Representações da morte na literatura infantil e juvenil brasileira. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL E INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 1., 2009, Uberlândia. **Anais [...]**. Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lt07_artigo_5.pdf. Acesso em: 12. jul.2023.

RAMOS, A. M. A literatura para a infância em Portugal: últimas tendências. *In*: OLIVEIRA, I. de (org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil**: com a palavra o educador. 1. ed. São Paulo: DCL, 2011. p. 201-218.

REYES, Y. **A substância oculta dos contos**: as vozes e narrativas que nos constituem. Tradução: Susana Ventura. 1. ed. São Paulo: Pulo do Gato, 2021.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François *et al.* São Paulo: Editora da UNICAMP, 2007.

ROCHA, E. **Roupa de brincar**. Ilustrações: Elma Fonseca. 1. ed. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

SEKAER, C. Toward a Definition of 'Childhood Mourning'. **The American Journal of Psychotherapy**, Washington, v. 41, n. 2, p. 201–219. 1987.

Sobre os autores

Ana Karynne Belchior Carneiro

Mestranda em Literatura no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí (PPGL-UESPI) na área de concentração: Literatura e Cultura e linha de pesquisa: Literatura e outros sistemas semióticos. Graduada em Licenciatura Plena em Letras-Português pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Trabalhou como professora de Português e Redação em escolas privadas de Parnaíba-PI. Atualmente é integrante do Grupo de Pesquisa Literatura, Leitura e Ensino-UESPI/CNPq (LLER) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Érica Sousa Torres

Mestranda em Literatura no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí (PPGL-UESPI). Especialista em Literatura Brasileira pela Faculdade Unyleya. Graduada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atualmente é bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (FAPEPI). Membro do Grupo de Estudo sobre o Mal na Literatura (GEMAL-UFPI) desde 2020 e do Grupo de Pesquisa de Literatura, Leitura e Ensino (LLER-UESPI).

Diógenes Buenos Aires de Carvalho

Doutor e Mestre em Letras (PUCRS-CAPES). Especialista em Leitura e Produção de Textos (PUC-Minas). Graduado em Letras-Português (UESPI). Coordenador do Grupo de Pesquisa LLER - Literatura, Leitura e ensino (CNPq-UESPI). Integrante do GT Leitura e Literatura infantil e juvenil da ANPOLL e da Rede de Estudos Avançados em Leitura (Cátedra UNESCO de Leitura-iiLer) e Instituto Interdisciplinar de Leitura (PUC-Rio) e do Grupo de Pesquisa A narrativa ficcional para crianças e jovens: teorias e práticas (UERJ). Professor efetivo da graduação e pós-graduação da Universidade Estadual do Piauí e da pós-graduação da Universidade Federal do Piauí.